

ISSN - 3085-5624

Eixo temático 6 - Organização da Informação e do Conhecimento

**A CLASSIFICAÇÃO DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO:
um inventário dissidente****ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO'S CLASSIFICATION:
*a dissident inventory***

Pollyana dos Santos Bianco – Universidade Federal de Sergipe (UFS) –
pollyanabiano@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1819-5002>

Vinícios Souza de Menezes – Universidade Federal de Sergipe (UFS) –
menezes.vinicios@gmail.com – Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4511-4477>

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho explora a classificação para além das dimensões científicas, bibliográficas e documentárias. Objetiva comparar os princípios de classificação dos sistemas bibliográficos e do inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário. A pesquisa qualitativa e exploratória, analisa como o esquema de Bispo desafia os princípios da classificação moderna. A análise argumenta que a obra de Bispo reflete suas raízes místicas nordestinas e as experiências de uma vida classificada como alienada. Em contraste, obras como as de Bacon, Dewey e Otlet refletem as intenções de renovação dos saberes e organização de materiais bibliográfico-documentários pela via científica de expansão do conhecimento.

Palavras-chave: organização do conhecimento; sistemas de organização do conhecimento; Arthur Bispo do Rosário.

Abstract: *This work explores classification beyond the scientific, bibliographic and documentary dimensions. It aims to compare the classification principles of bibliographic systems and Arthur Bispo do Rosário's inventory of the world. Qualitative and exploratory research analyzes how Bispo's scheme challenges the principles of modern classification. The analysis argues that Bispo's work reflects his mystical northeastern roots and the experiences of a life classified as alienated. In contrast, works such as those by Bacon, Dewey and Otlet reflect the intentions of renewing knowledge and organizing bibliographic-documentary materials through the scientific path of expanding knowledge.*

Keywords: *knowledge organization; knowledge organization systems; Arthur Bispo do Rosário.*

1 INTRODUÇÃO

A classificação é uma das mais antigas operações da humanidade para organizar o pensamento através de conceitos, categorias, seres, coisas e saberes. A classificação

apresenta-se na sociedade de diferentes modos e através dos mais distintos campos do conhecimento. O processo de classificação tem por objetivo agrupar, pela via da semelhança, os distintos objetos, seres e conhecimentos produzidos pelos seres humanos (Piedade, 1983). A taxonomia é o estudo geral das classificações (Otlet, 2018). Essas podem ser sistemáticas, alfabéticas, sintéticas ou místicas, como a de Arthur Bispo do Rosário. Logo, as classificações são elaboradas conforme as circunstâncias históricas e as necessidades informacionais do produtor e seu público.

Na Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (BDCl), o conceito de agrupar semelhantes para uma melhor recuperação bibliográfica-documental pelos usuários é visto como um dos aspectos mais relevantes do tratamento informacional. O ato de classificar para os campos da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação é um “processo mental pelo qual as coisas são reunidas de acordo com suas semelhanças e separadas conforme suas diferenças” (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 84).

O ato de reunir coisas semelhantes e separar diferentes é um princípio classificatório presente no cotidiano de quase todas as sociedades ocidentais, sendo as condições sociais em que surgem, um elemento determinante do modo de classificar o mundo (Anjos, 2009). Desde um ponto de vista religioso cristão, o texto bíblico de abertura afirma que Deus logo que criou o mundo, sentiu a necessidade de classificar os seus elementos e determinar os seus propósitos através da sua nomeação (Simões, 2011). Desta maneira, o ato de classificar se apresenta de muitos modos: na criação metafísica dos mundos, na classificação dos animais, das estruturas sociais, nas classificações filosóficas, bibliográficas, documentárias e, também, através do modo muito específico de inventariar o mundo como o da classificação de Arthur Bispo do Rosário, a delimitação temática deste trabalho.

A partir da amplitude própria ao conceito de classificação, esta pesquisa objetiva comparar os princípios de classificação dos sistemas bibliográficos e do inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário. Partindo do pressuposto que a classificação é uma operação que se caracteriza pela compreensão do mundo, visando a sua ordenação e, posterior, orientação das ações humanas, a pergunta de partida formulada é: fundado na desrazão e na desorientação linguística do mundo, como o esquema de classificação para o inventariamento do mundo desenvolvido por Arthur Bispo do Rosário acomete e desvirtua

os planos cientificistas da classificação moderna? Por meio desses marcos temáticos estruturais, a pesquisa justifica-se pela originalidade e ineditismo da interpretação da abordagem classificatória dissente de Arthur Bispo do Rosário na área da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento.

2 O ATO DE CLASSIFICAR: ENTRE LUGARES E DISCURSOS

Ainda que por vezes imperceptível, o ato de classificar está presente na vida cotidiana das pessoas. A classificação é um artefato cultural configurado pelas inter-relações das condições políticas, sociais e econômicas de construção (Siqueira, 2010, p. 40). Para a vida prática biblioteconômica, por exemplo, “classificar é na realidade, a tarefa mais importante de uma biblioteca, pois constitui o meio pelo qual os livros são utilizados” (Barbosa, 1969, p. 13). Classificar vem do latim *classis*, formação coletiva em que se dividia o povo romano. Das divisões sociais da sociedade à divisão dos cômodos de uma casa, o ato de classificar atravessou as disposições e os lugares da vida pública à vida privada.

A classificação auxilia a humanidade a ordenar seus discursos, seus coletivos sociais, seus seres, objetos e artefatos culturais, como livros e documentos. A filósofa portuguesa Olga Pombo (1998, p. 1) argumenta que “nada nos parece mais ‘natural’, óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos factos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos” e, complementa, “elas [as classificações] constituem os pontos estáveis que nos impedem de rodopiar sem solo, perdidos no desconforto do inominável, da ausência de ‘idades’ ou ‘geografias’.” Portanto, a classificação ordena um compósito de lugares e discursos através dos quais nos orientamos no mundo, estabelecendo semelhanças e diferenças entre os diferentes hábitos, costumes e crenças, reconhecendo espaços, seres, coisas e saberes.

3 A CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA DE FRANCIS BACON E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NOS SISTEMAS BIBLIOGRÁFICOS E DOCUMENTÁRIOS DE CLASSIFICAÇÃO DE MEVIL DEWEY E PAUL OTLET

A classificação científica de Francis Bacon influenciou de maneira decisiva grande parte das classificações modernas, em especial, os sistemas de classificação bibliográficas e

documentárias. Bacon idealizou uma classificação dividida em três classes principais: memória (história), imaginação (poesia) e razão (filosofia). Segundo Sales (2017, p. 194), o princípio de classificação baconiana era baseado “nas distintas faculdades mentais do homem” de sua época. Herdeira dos sistemas modernos de representação do livro da natureza, a classificação de Bacon é baseada no empirismo renascentista, oriundo da teoria do conhecimento clássico-medieval que asseverava que na cadeia de aquisição do conhecimento, primeiro o ser humano lembra, depois imagina e, por último, raciocina. O empirismo manifestado nesta ideia é o de que o conhecimento ou a razão só seriam possíveis em decorrência da experiência criativa, representados na sucessão da fórmula: memória-imaginação-razão.

Inspiradas pela classificação de Bacon, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) formulada por Mevil Dewey e a Classificação Decimal Universal (CDU) de Paul Otlet se notabilizaram como os sistemas bibliográfico-documentários de classificação mais utilizados no mundo. As classificações de Dewey e de Otlet guardam semelhanças. Enquanto Dewey, de maneira pragmática, utilizou a classificação de Harris como modelo, criando a primeira versão da CDD em 1876, Otlet utilizou o sistema de classificação de Dewey como referência e, em 1892, com fins bibliográficos publica a Classificação Decimal Universal (CDU). Os sistemas de classificação de Dewey e Otlet têm o objetivo de organização lógica e física de materiais bibliográficos e documentários para fins de disposição e recuperação temática.

3.1 Classificação Decimal de Dewey (CDD)

De infância humilde na cidade de Adams Station, em Nova York, Dewey nasceu em 1851 e tornou-se uma figura emblemática por sua eficiência. Dewey iniciou a faculdade em Amherst College, Massachusetts, e por conta de problemas financeiros começou a trabalhar na biblioteca como auxiliar, logo percebendo a complexidade do processo de ordenação dos livros e a falta de padronização nesse processo, uma vez que cada biblioteca utilizava seu próprio sistema (Freitas; Moraes, 2018). Após visitar várias bibliotecas e consultar múltiplos catálogos, Dewey resolveu criar seu próprio sistema, amplamente aceito pelos usuários.

A CDD tem sua origem nas classificações filosóficas e científicas. Inicialmente publicada em anonimato, em 1876, a primeira edição levou o nome de *A classification and*

subject index for cataloging and arranging the books and pamphlets of a library (Freitas; Moraes, 2018). Tratava-se de um folheto com 42 páginas, sendo 12 de introdução, 12 de tabelas e 18 de índice, apresentando o conhecimento humano dividido em cerca de 1000 classes. Dewey só irá assumir a autoria a partir da segunda edição, publicada nove anos depois (1885). A partir da 16ª edição, o título da obra mudou para *Dewey Decimal Classification* (DDC), em português, Classificação Decimal de Dewey (CDD) (Piedade, 1983).

Seguindo o princípio enumerativo da decimalidade e seus desdobramentos, as dez classes principais se subdividem em mais dez, as subdivisões em mais dez e assim sucessivamente, dando a impressão simbólica de um sistema infinito de representação. Dewey tinha um interesse grande pela educação e sempre empregou os lucros em novas edições. A CDD passou a ser a classificação mais utilizada nas escolas públicas dos Estados Unidos. Apesar da funcionalidade da CDD, o código é determinado pelo seu tempo e pelos pensamentos racistas de Dewey, que utilizou a universalidade da CDD como uma idealização de suas crenças. Um desses exemplos é a classe 200 de Religião, onde a religião cristã ocupa quase toda a extensão da classe. Conforme argumenta Miranda (2009) “as classes da Classificação Decimal de Dewey não representam o etnoconhecimento. O uso da CDD provoca a dispersão semântica da informação relativa ao etnoconhecimento”. Através dos princípios da exclusividade, teleologia e hierarquia (Olson, 1999), a CDD universalizou nas páginas do seu esquema classificatório o retrato de um mundo profundamente socialmente desigual em seus quadros classificatórios.

3.2 Classificação Decimal Universal (CDU)

Criador do neologismo “Documentação” e considerado um dos fundadores da contemporânea Ciência da Informação, Paul Marie Ghislain Otlet nasceu em Bruxelas, Bélgica, formou-se em advocacia e possuía amplo conhecimento em várias outras áreas como sociologia, bibliografia, arquitetura e urbanismo (Zafalon; Sá, 2019).

A Classificação Decimal Universal (CDU) foi criada em 1892, por dois belgas, Paul Otlet e Henri La Fontaine com a finalidade de auxiliar a classificação dos materiais bibliográficos presentes no Repertório Bibliográfico Universal (RBU) do *Institut International de Bibliographie* (IIB). Encarando a falta de flexibilidade da CDD, a CDU objetivou tornar mais

plástico o seu esquema de classificação e, com isso, aprimorar a organização dos materiais para uma maior precisão do controle bibliográfico.

Em 1905, foi publicada a primeira edição do novo sistema, contendo 33000 subdivisões e 40000 entradas no índice. Recebeu o título de *Manuel du Répertoire Bibliographique Universel*, pois destinava-se a servir de manual de trabalho para a compilação do Repertório Bibliográfico Universal (Piedade, 1983, p. 116).

Nos primeiros anos, a CDU manteve as dez classes principais ocupadas, porém, a partir de 1963, a classe 4 ficou vaga. O campo da Filologia, ocupante da classe 4 até então, foi incorporado pela classe 8, hoje denominada como Linguagem, Linguística e Literatura. A pretensão era que a classe 4 fosse ocupada pelos nascentes campos científicos modulados pelas relações de interdisciplinaridade em efervescência nos anos 1960, o que não ocorreu.

Assim como a CDD, a CDU também apresenta a decimalidade como um princípio enumerativo de classificação, preservando a sequência hierárquica das classes e a divisão decimal das seções. Entretanto, diferente de Dewey, Paul Otlet cortou os zeros da composição das classes principais e adicionou sinais, símbolos e letras na síntese notacional da sua classificação, tornando o sistema de organização do conhecimento da CDU mais flexível e adequado às necessidades emergentes das transformações científicas, em especial, com o nascimento de novas áreas do conhecimento e das suas múltiplas relações interdisciplinares.

Otlet tinha o objetivo de representar todo o conhecimento humano e com isso, ordenado pela CDU, criar a *Bibliographia Universalis*, um conjunto de várias bibliografias especializadas como a *Bibliographia Physiologica*, a *Bibliographia Zoológica* e a *Bibliographia Anatômica*, editadas pelo Concílio Bibliográfico de Zurique (Piedade, 1983, p. 116). Assim como outros sistemas de organização do conhecimento, a CDU foi forjada pelo emprego das crenças de seu criador, preservando com isso o espírito racista e colonial da sua época (Wright, 2014).

4 ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO E O INVENTÁRIO ANTISISTEMÁTICO DO MUNDO

Arthur Bispo do Rosário foi um homem negro, nordestino, sergipano, filho de escravizados, contudo negava sua descendência (Hidalgo, 2011). Bispo foi contemporâneo de Dewey e Otlet, nasceu em 1909, em Japarutuba/Sergipe, e mudou-se para o Rio de

Janeiro com 15 anos para servir à marinha, onde anos depois foi expulso por má conduta. Na noite de 24 de dezembro, véspera do Natal de 1930, Bispo foi preso e mandado para o Hospício, conforme relato de Hidalgo (2011, p. 10): “O dia 24 de dezembro de 1930 foi um divisor de águas psíquico para Arthur Bispo do Rosário. Os sinos dobravam para ele, os céus se abriram para referenciar sua majestade, mas ele acabaria sobre o domínio da autoridade máxima da terra.” Esse delírio foi decisivo na vida de alienação de Bispo. A partir deste acontecimento, ele passa por três hospícios até chegar na Colônia Juliano Moreira, um “cemitério de mortos-vivos” como referiu-se o escritor negro Lima Barreto ao Hospital Nacional de Alienados (Birman, 2017, p. 789).

Depois da noite de 24 de dezembro de 1930, Bispo passou mais de 50 anos em instituições manicomiais fabricando a sua arte através de peças despresadas e encontradas nos lixos. Dos resíduos profanos da sociedade de consumo, fez-se a sua matéria-prima. Arthur Bispo do Rosário fabricou mais de 800 obras motivado pela crença mística de que tinha recebido uma missão divina: catalogar e classificar todo material existente no mundo para restituí-lo ao reino inclassificável de Deus. Impulsionado pela missão, Arthur Bispo do Rosário “compôs uma espécie de enciclopédia particular, ao mesmo tempo afinada com a existência da ordem e aberta à criatividade da memória e da imaginação” (Maciel, 2009, p. 32). Através da sua enciclopédia particular, inventariou o mundo, caracterizando-o pela falta da firmeza lógica das suas estruturas. Por meio de uma subjetividade disruptiva, desafiou os sistemas de classificação presentes no mundo consciencioso da ciência. O exemplo de Bispo demonstra como os sistemas de classificação são frágeis, arbitrários, contextuais e incompletos, quando vistos desde um ponto de vista marginal ao normal estabelecido.

Crente de ser um emissário de Deus, Bispo do Rosário não tinha por objetivo criar métodos sistemáticos de classificação, ao contrário, sua principal intenção era reunir e inventariar o mundo visando construir uma segunda “arca de Noé”, através dos materiais profanos encontrados nas ruínas do mundo.

5 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa se caracteriza pelo seu contorno qualitativo e exploratório. Trata-se de uma pesquisa qualitativa pela sua orientação à interpretação dos

sentidos dos problemas e motivos significativos relacionados aos fenômenos estudados, sem derivar em quantificações. É também uma pesquisa exploratória visto que a literatura da BDCI não possui trabalhos que abordem a perspectiva classificatória na obra de Arthur Bispo do Rosário, logo configurando uma lacuna temática do campo (Gil, 2002). Essa afirmação está amparada na coleta de dados realizada nas seguintes plataformas de publicações acadêmico-científicas: i) Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci) e ii) Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr); através dos seguintes descritores associados: classificação, organização do conhecimento, classificação bibliográfica, Arthur Bispo do Rosário (entre aspas). Por haver uma lacuna temática na Brapci em relação a Arthur Bispo do Rosário e este ser um criador cuja obra atravessa as pesquisas de inúmeros campos acadêmico-científicos, decidimos por incluir o Oasisbr para a inserção de maior relevância na busca e recuperação dos materiais informacionais. Dos resultados encontrados no Oasisbr, nenhum estava classificado na área do conhecimento da Biblioteconomia, Documentação e/ou Ciência da Informação. A partir desta configuração lacunar, o procedimento metodológico da pesquisa foi o comparativo, em específico, pela intenção de comparar os elementos lógicos das classificações científica (Bacon), bibliográfica (Dewey) e documentária (Otlet) com a pretensão classificacionista místico-redentora de Arthur Bispo do Rosário. Esses elementos foram levantados e postos em diálogo por meio da interlocução dos materiais interdisciplinares sobre Arthur Bispo do Rosário e a literatura consolidada da BDCI sobre classificação, organização do conhecimento e sistemas de organização do conhecimento.

6 ENTREATOS DA CLASSIFICAÇÃO: UM COMPARATIVO DO INVENTÁRIO DO MUNDO COM A ORDENAÇÃO CIENTÍFICA DO UNIVERSO

A classificação de Francis Bacon tinha por pretensão ordenar em um plano de classificação as ciências modernas. O Novo Órganum e a Casa de Salomão – idealização utópica da universidade moderna – propostos por Francis Bacon (1979) visavam estabelecer a autonomia e a autoridade do novo instrumento de conhecimento, as ciências modernas, através de um lugar para o desenvolvimento das pesquisas científicas sobre as “coisas naturais” presentes no livro da natureza. Portanto, a classificação das ciências era uma

projeção organizativa para a interpretação da natureza, a descoberta das formas verdadeiras e o almejado progresso da humanidade (Bacon, 2006).

Seguindo os traços modernos da proposta de Bacon, atualizada para a finalidade da organização lógica e física dos conhecimentos nas bibliotecas, Mevil Dewey, a partir da característica pretensamente universal do princípio enumerativo da decimalidade e da aplicação baconiana para as bibliotecas de Harris, criou o seu próprio esquema de classificação que primava pela eficiência dos produtos e serviços bibliotecários. Apoiado pelos avanços tecnológicos do final do século XIX e pelas transformações dos materiais bibliográfico-informacionais, Paul Otlet, por meio do código de classificação bibliográfica de Dewey, propôs uma adaptação mais plástica que agregasse outras formas documentárias e lançou, ao lado de Henri La Fontaine, a Classificação Decimal Universal (CDU).

Hope Olson (1999) argumenta que o processo de classificar parte de, ao menos, três categorias centrais: i) exclusividade, ii) teleologia e iii) hierarquia. A exclusividade é também conhecida como princípio da exclusividade mútua ou da não contradição. Em uma classificação sistemática, as categorias são mutuamente exclusivas, não habitam a mesma relação, ou seja, logicamente ou é, ou não é. Esse princípio visa retirar da linguagem classificatória, a ambiguidade, definindo desse modo a territorialidade do conceito, isto é, onde um conceito inicia e se encerra, instaurando com isso o dualismo entre as semelhanças e diferenças das classes. A teleologia está associada à progressão linear em direção a um determinado objetivo idealizado, por exemplo, em Francis Bacon, o progresso do conhecimento e da humanidade, em Dewey, a organização eficiente dos acervos bibliográficos, ou ainda, como em Otlet, a organização dos diferentes documentos para a composição do Repertório Bibliográfico Universal (RBU) e a formação das redes internacionais de informação e documentação para a pacificação do mundo através do conhecimento. Se da exclusividade mútua nasce um dualismo, da teleologia resulta um determinismo. Por fim, o último dos princípios classificatórios levantados por Olson é a hierarquia. As classificações ocidentais foram erguidas tanto por um princípio de separação e distinção entre os diferentes seres e entes, isto é, por uma divisão (onto)lógica, quanto por um princípio de dominação de algumas classes (gerais/pré-coordenadas) sobre outras (específicas/subordinadas). A hierarquia visa diferenciar para distinguir ao máximo as

características do que está sendo classificado, tornando-as, desta maneira, únicas (reducionismo).

Portanto, alinhado aos pressupostos demarcados por Hope Olson, Simões (2011, p. 38-47) assinala para alguns padrões comuns identificados em diferentes sistemas de classificação, representados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Categorias da razão classificatória

Categorias	Descrição das categorias
Qualidade da análise	Analítica do objeto para recepção de um código classificador
Interesse do utilizador	Identificação das características dos usuários para uma melhor recuperação e notacional
Especificidade e Exaustividade	Nível de especificidade e exaustividade para recuperação informacional
Simplicidade formal	A notação para a recuperação do objeto deve ser a mais simples possível para uma melhor recuperação
Persistência e relevância	A notação utilizada precisa ser relevante e conter valor informativo
Enquadramento temático	O objeto classificado deve estar classificado na categoria do conhecimento adequado à temática e ao público
Síntese	A notação precisa representar o conteúdo do objeto classificado de forma simples e resumida.
Coerência e uniformidade	A notação precisa ser coerente tematicamente e padronizada, por exemplo, ao uniformizar os usos do mesmo código para os objetos com mesmo assunto ou assuntos semelhantes, evitando inconsistências no catálogo
Estabelecimento de relações intra-linguagens e inter-linguagens	Para uma melhor recuperação e consistência do catálogo, torna-se fundamental estabelecer os relacionais entre os termos

Fonte: Adaptado de Simões (2011, p. 38-47).

A partir dos marcos racionalistas da classificação apresentados no quadro acima, intentamos comparar com os artifícios dissidentes do ato de classificar em Arthur Bispo do Rosário. A classificação do artista sergipano representava o seu cotidiano privativo na Colônia Juliano Moreira como argumenta Hidalgo (2011, p. 134): “Bispo preferia ficar no abrigo, encaixado em seu universo privativo de cores e tons, à espera da morte. Uma morte que para ele seria dialeticamente a vida, a validação de seu outro mundo”. Longe das grandes técnicas das belas-artes ocidentais como a pintura, a escultura e a arquitetura, Arthur Bispo do Rosário inventariava o mundo, por exemplo, através dos bordados. Por meio das práticas redentoras de seus ornamentos, a obra de Bispo bordava as desimportâncias do

Perante o seu desejo escatológico, as notações em Bispo do Rosário – os números atribuídos às coisas decaídas do mundo – eram notações redentoras, isto é, não tinham como nas classificações científicas (Bacon), bibliográficas (Dewey) e documentárias (Otlet) a finalidade de assinalar um lugar lógico e empírico de disposição do conhecimento e guarda de materiais no mundo ou nas instituições. A aspiração de Bispo do Rosário era através dos números notacionais, redimir as coisas e notificar os seus respectivos lugares na “Cidade de Deus” (Agostinho, 2006). Nas palavras de Marta Dantas (2009, p. 156): “no caso de Bispo, a etiqueta é mais do que mero exercício da linguagem, mais do que uma redundância, é um método de catalogação; o número faz parte da ordem oculta estabelecida pelo criador na organização de seu cosmo.”

Construindo seus fichários e estabelecendo índices enumerativos (notações), Arthur Bispo do Rosário visava recuperar os objetos e os modos de realização no novo mundo. Bispo, por exemplo, demarca com o código “434”, o modo como se deve fazer um muro no fundo da sua casa (Hidalgo, 2011, p. 165). A classificação de Bispo não é para ser utilizada neste mundo secular como a CDD ou CDU, por exemplo, mas, sobretudo, para ser utilizada no seu mundo ideal, no qual não existe nenhum sofrimento e ele será o Rei. Por isso, para Bispo, tudo não passa de uma representação do mundo para apresentação a Deus.

Através da classificação de Arthur Bispo do Rosário, retomamos às razões classificatórias presentes nas classificações científicas (Bacon), bibliográficas (Dewey) e documentárias (Otlet) com o objetivo de comparar as adequações e inadequações presente nelas. Apesar das desorientações da alienação de Bispo do Rosário, o artista sergipano fez da sua redentora classificação, um objeto de reorientação para o reino que virá.

Para fundar o seu mundo, Bispo fixou limites, estabeleceu uma ordem, enumerando, catalogando coisas e hierarquizando-as; trabalhou para tornar um cosmo o que lhe parecia caótico. Neste mundo onde a normalidade é doente, afirma Delacampagne (1974, p. 165), o louco é o homem são que tenta, para se recuperar, recuperar as coisas, fixá-las, uma a uma, no seu lugar: ‘Um lugar para cada coisa, e para cada lugar uma coisa’ (Dantas, 2009, p. 157-158).

O critério classificatório da persistência e relevância em Bispo do Rosário encontra-se fielmente preservado, assim como o seu caráter sintético e condensado. Há um compromisso divino e persistente em informar de modo relevante e representativo as ruínas do mundo humano. Restituir as coisas ao seu valor divino é uma ou, talvez, a grande tarefa

assumida pelo inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário. As últimas razões classificatórias possuem inadequações com a perspectiva de Bispo do Rosário, visto que i) não se sabe precisamente se o enquadramento temático dos saberes terranos assim como a sua coerência e uniformidade serão correspondentes com as novas identidades do mundo pós-apocalíptico, e, por fim, ii) o estabelecimento de relações linguísticas internas e externas em seu plano de classificação decaído não possui harmonia com a linguagem adâmica, pura e perfeita, do reino dos céus.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como toda obra traz uma particularidade, as obras de Bacon, Dewey, Otlet e Bispo não são diferentes. A obra de Bispo apresenta as suas raízes nordestinas, suas crenças místicas e as suas experiências privativas da vida, a obra Bacon rememora a antiguidade clássica para renovar os saberes a partir do conhecimento científico emergente na modernidade, a obra de Dewey apresenta o desejo de organização e eficiência das bibliotecas, visando a transformação econômica das práticas profissionais bibliotecárias e, por fim, a obra de Otlet retrata a intenção internacionalista e pacifista do documentalista em meio ao bélico mundo europeu atravessado por guerras. Deste modo, pode-se afirmar que essas obras estão marcadas pelas vivências biográficas das suas autorias. Em nosso caso específico, quando pesquisado sobre a classificação de Bispo do Rosário é possível dizer que ele não se considerava um artista, uma vez que tinha a intenção de produzir um inventário do mundo para apresentar a Deus, sem objetivos econômicos ou de prestígio, “pois ganhar dinheiro era para ele algo inaceitável e até mesmo indigno, já que seria algo impuro” (Birman, 2017, p. 794). Ao abordar o trabalho de Bispo não se pode deixar de citar o seu diagnóstico de doença mental, condição determinante para sua história. Como um homem à margem da sociedade, Arthur Bispo do Rosário utilizou dos seus delírios para ressignificar a sua existência. Por meio da criação com as próprias mãos de seus objetos, buscou a sua cura interior e o sentido para a vida, contando a sua história, em grande parte, através do bordado, marco cultural de Japarutuba e presente até os dias atuais.

Este estudo buscou investigar a abrangência do conceito de classificação para além das dimensões científicas, bibliográficas e documentárias. A pesquisa responde ao seu

questionamento partindo do pressuposto que Bispo possuía um objetivo de recuperação, mas fundada na desrazão e na desorientação linguística do mundo. Seu plano de classificação está esquematizado visando classificar seus objetos para a recuperação no mundo ideal de Deus. O sistema de Francis Bacon nasceu com um propósito semelhante ao de Bispo do Rosário: redimir os saberes mortais ao reino dos céus (Hirata, 2023). Entretanto, a redenção para Bacon viria através das descobertas científicas que ensejariam no aprendizado das letras do alfabeto presente no livro da natureza escrito por Deus. Ainda que fortemente marcados pela cultura cristã de organização e governo das coisas do mundo, os sistemas de classificação de Dewey e Otlet nasceram com o objetivo de organizar e recuperar os materiais bibliográficos e documentários presentes nas instituições informacionais. Para Bispo, um homem negro, originário do nordeste, filho de escravizados e alienado pelos saberes da normalidade, o mundo foi demasiado severo. Sua poética do delírio rumou para uma teleologia dissidente: organizar o mundo para o seu fim. A recuperação dos seus materiais não se daria aqui, no mundo dos mortais, mas no aconchego da casa de Deus.

Portanto, o ato de classificar em Arthur Bispo do Rosário é dissidente das pretensões classificatórias de Bacon, Dewey e Otlet. Destinadas ao cientista (Bacon), ao bibliotecário (Dewey) e ao documentalista (Otlet), as classificações abordadas estão endereçadas ao proveito e ao desenvolvimento da humanidade. A classificação de Bispo do Rosário estava endereçada a Deus, destinada à apresentação no reino do céus após o dia o juízo final. Suas notações indicavam o lugar de cada coisa, pessoa ou gesto ao lado do Salvador. Vestido com o manto da graça, Bispo objetivava restituir as coisas aos seus valores de uso original, antes da queda adâmica. Em seu encontro com a morte, não estaria em cena o fim definitivo, mas o marco para a verdadeira vida que então se iniciava, após uma estadia de provações e sofrimentos causados pelo pecado original e desamparos humanos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Lisboa: Fundação Calouste, 2006. v. 1.

ANJOS, Liane dos. **Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na biblioteconomia**: uma visão histórica conceitual com enfoque nos conceitos de classe, de

categoria e de faceta. 2009. Tese (Doutorado em Ciência e informação) – Escola de comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BACON, Francis. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. São Paulo: Abril, 1979.

BACON, Francis. **O progresso do conhecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Ibict, 1969.

BIRMAN, Joel. A voz de Deus e as mãos de Bispo: a arte da loucura na escrita pictórica de Arthur Bispo do Rosário. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 786-805, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n4p786.12>. Acesso em: 3 fev. 2024.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio**. São Paulo: Unesp, 2009.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Arthur Bispo do Rosário: a Artimanha da Arte Brasileira. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 5, n. 9, p. 313-336, 2017. Disponível em: http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol5-09/sumario_vol5-09.html. Acesso em: 7 fev. 2024.

FREITAS, L. S.; MORAES, R. P. T. Melvil dewey – entre o dito e o não dito: sujeito e historicidade do campo informacional. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4309/3947>. Acesso em: 29 mar. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed., São Paulo: Atlas, 2002.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

HIRATA, Celi. Francis Bacon e a imagem do livro da natureza. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 46, n. 4, p. 75-98, 2023. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/14244/15195>. Acesso em: 10 mar. 2024.

LIMA, G. N. B. O. Gênese da classificação: uma análise de conteúdo a partir da definição. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 197-237, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/158573>. Acesso em: 16 ago. 2023.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. **Revista África e Africanidades**, Salvador, ano 1, n. 4, 2009. Disponível em: https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/A_organizacao_do_etnoconhecimento.pdf. Acesso em: 1 fev. 2024.

OLSON, Hope A. Exclusivity, Teleology and Hierarchy: our Aristotelean Legacy. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 26, n. 2, p. 65-73, 1999.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro: teoria e prática. Brasília: Brique de Lemos, 2018.

PIECADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa**, n. 2, p. 19-33, 1998. Disponível em: <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/investigacao/opombo-classificacao.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SALES, Rodrigo. A classificação de livros de William Torrey Harris: influências de Bacon e Hegel nas classificações de biblioteca. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 188-204, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p188/34703>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SIMÕES, Maria da Graça. **Classificações bibliográficas**: percurso de uma teoria. Coimbra: Almedina, 2011.

SIQUEIRA, J. C. O conceito classificação: uma abordagem histórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 37-49, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1638>. Acesso em: 1 out. 2023.

WRIGHT, Alex. **Cataloging the world**: Paul Otlet and the birth of the information age. New York: Oxford University Press, 2014.

ZAFALON, Zaira Regina; SÁ, Mariana Nóbrega de. Mundaneum e biblioteca digital mundial: relações possíveis? **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, p. 216-242, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92550>. Acesso em: 29 mar. 2023.